

## Às portas de Tróia

Rodrigo Siqueira Batista<sup>1</sup>.

Heitor hesitou um pouco antes de entrar naquele breu, manifestação de seus medos, suas dúvidas, seu mais profundo e essencial desamparo...

\* \* \*

A doença havia se iniciado cerca de três meses antes. Nos primeiros dias, experimentara aquela indisposição — como se estivesse ficando gripado — mas sem trazer grande prejuízo ao seu trabalho. Cerca de uma semana depois, passou a apresentar uma febre baixa — sua filha, auxiliar de enfermagem, havia verificado algumas vezes a temperatura de 38,0°C —, especialmente no final da tarde. Por fim sobrevieram a tosse com expectoração (algumas vezes com sangue) e aquele terrível “suadouro” que o açoitava quase todas as noites, obrigando-o a trocar sua vestimenta e a roupa de cama. Neste período perdera muito peso — aproximadamente sete quilos.

Heitor já havia tentado uma consulta, por três vezes, nas últimas duas semanas. Na primeira oportunidade os números para atendimento no Posto de Saúde haviam terminado — e ele havia chegado à unidade por volta das 06:30h da manhã; na segunda, chegou às 04:30h, obteve o número, mas o médico faltou — o que foi informado aos que aguardavam apenas às 10:30h; na última conseguiu o número, o médico estava lá, mas, por infelicidade, foi ao banheiro exata-

mente no momento em que foi chamado, o que impossibilitou sua avaliação — ao retornar o profissional informou que não poderia mais atendê-lo, pois “estava muito atrasado”.

Desanimado com essas frustrações preferiu dirigir-se ao Pronto Socorro, onde, certamente, iria ser atendido. Após quase quatro horas de espera, Heitor foi avaliado por um médico que não o cumprimentou e que tampouco se apresentou, e que se limitou a interrogá-lo com meia dúzia de perguntas, encaminhando-o, em seguida, para “bater uma chapa do pulmão” e fazer um “exame do catarro”. Ademais, o “Dr.” havia lhe colocado uma máscara de pano, com a recomendação, lacônica, de que a mesma não deveria ser retirada, pois servia para “proteger o pessoal do hospital”.

O homem Heitor sentiu-se esmagado. Estava doente — algo completamente novo em seus 43 anos de vida — não sabia o que tinha, buscava ajuda há semanas, mas sem sucesso — afinal, o médico com quem acabara de travar contato não o auxiliara em nada. Estava, agora, diante do serviço de Radiologia, as portas abertas expondo o breu de sua solidão.

\* \* \*

Uma lágrima fria, matiz do desamparo, rolou por sua face marcada por dias e noites de desespero, misantropia e desencanto.

1. Médico e Filósofo. Professor Titular das disciplinas de Clínica Médica e Filosofia, Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO). Mestre em Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Ciências, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).